

A questão do sentido em Michel Pêcheux

Hélder Sousa Santos

Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia.

e-mail: helder_sousa@terra.com.br

Resumo: Este trabalho visa a analisar e discutir alguns movimentos do projeto pecheutiano durante o preconizar de uma teoria (sua) para o discurso - movimentos esses que tiveram como foco a questão do sentido. Para tanto, recorreremos ao texto *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (exemplarmente em sua parte introdutória) - momento em que M. Pêcheux nos dá pistas de uma incursão por ele realizada na direção às teses do materialismo histórico de Marx -, tentando aqui representar elaborações teóricas do autor que acolhem, sob uma perspectiva materialista, não só a língua (analisada em sua contradição constante com a história e com o sujeito), mas também o sentido.

Palavras-chave: 1. Análise do Discurso francesa. 2. Materialismo Histórico. 3. Sentido.

A posição investigativa humana frente à questão do sentido não é nada recente. Desde sempre, na tentativa de querer entender como a linguagem e o sentido dizem respeito à verdade das coisas e, também, ao mundo, o homem se sente instigado a sabê-los. Filósofos na antiguidade já se sentiam interpelados pelo sentido das palavras no jogo do comunicar de nós seres humanos.

Assim, nessa grande luta pelo sentido, estudiosos da linguagem têm anunciado em suas publicações resultados que visam esclarecer melhor a questão. Vale lembrar que, se em Saussure (o fundador da ciência Linguística, no século 20), o sentido não fora pensado integrado à língua, isso se fez, certamente, devido ao tratamento que ele pretendia dar a seu objeto de trabalho: a língua como sistema fechado em si.

Pode-se assim dizer que foi na segunda metade do século 20, por volta de 1960, que a questão do sentido começa a ser interesse notável em trabalhos de língua(gem); época em que desponta a figura do estudioso M. Pêcheux, que apresentou proposições um tanto “ambiciosas” acerca do sentido sob a nomeação *Semântica e discurso*.

Nesse texto, tomado aqui como objeto de nossa análise sobre o sentido (em especial sua parte introdutória, p. 11-33; doravante PI), Pêcheux trata das especificidades da ciência Semântica, convocando-nos a pensar nos motivos de ser ela alvo de interesses do marxismo. Antes, porém, de falarmos de tal interesse, retomemos, sucintamente, o percurso que o autor fez para nos pôr a par de suas vindouras elaborações teóricas.

Em *Simples nota prévia*, exatamente na parte inicial de *Semântica e discurso*, verificamos haver um Pêcheux de posse dos termos semiótica, semiologia e semântica – termos de forte influência nos estudos a que o autor visava desenvolver.

A semiótica, desenvolvida no século 19 por Peirce, como estudo dos signos, retomava parte das origens do pensamento filosófico sobre a linguagem. Para esse autor, a semiótica era uma ciência geral que englobava as outras ciências, ou seja, uma teoria geral da significação, sem ser particularmente linguística.

Fato assim, em meados da década de 60, fez com que pesquisadores, sobretudo soviéticos, se empenhassem em saber mais sobre o que Peirce havia elaborado. Pesquisas da época chegavam a propor metalinguagens para a descrição da significação em geral aplicável em quaisquer línguas (cf. CORTINA & MARCHEZAN, 2005, p. 396).

De modo diferente a Pierce, no século 20, sem ignorar os alcances semióticos, Saussure (em o CLG), ao definir o objeto da Linguística, a língua, introduz o termo semiologia, vista como uma “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social” (p. 24). A semiologia, assim, esteve para uma ciência geral dos signos, para um estudo que analisava gestos, imagens, ritos, vestuário, etc., enfim, para um estudo do material linguístico e extralinguístico.

Na verdade, a diferença da semiologia de alcance saussureano em relação à semiótica peirciana reside no fato de que Peirce, ao se servir da língua para traduzir e explicar o sentido de outras linguagens, assim agia sem levar em conta as especificidades de cada linguagem, percebendo a linguagem como uma rede de relações significativas de semioses e não como na perspectiva de Saussure, como um sistema de signos encadeados (cf. CORTINA & MARCHEZAN, 2005, p. 402).

Por sua vez, à sua maneira, a semântica, cujo nascimento data do fim do século 19, esteve para o estudo de um outro elemento, o sentido; sentido esse resultante de possíveis efeitos que o signo passa a representar para àqueles que dele lançam mão no uso. Reconhecida assim, a semântica passou a ser alvo dos filósofos ainda durante todo o século 19. Houve, inclusive, uma tentativa de reconhecê-la como parte da linguística, o que não deixou de provocar hesitações em linguistas da época.

Durante esses inúmeros esforços da semiótica, da semiologia e da semântica por conferir estatuto ao sentido, Pêcheux, em *Semântica e Discurso* (em PI) nos recorda trabalhos de Charles Morris (p. 12) sobre o que seria uma linguagem ideal. Em investigações assim, estudiosos asseveravam que se o uso de um termo fosse dado pela lógica, não teríamos complicações quanto ao seu sentido. Uma linguagem ideal, algo matematizável, amarrado às regras, como considerava a matemática das ciências (a semiótica), evitaria a falha, a distorção das coisas. Ação assim, mais tarde, serviu-nos como motivo para atentarmos às materialidades dos discursos, sem que, contudo, deixássemos de desviar das falhas referenciais.

Os estudos discursivos que Pêcheux empreendia, por sua vez, viam nessas teorias ferramentas a mais (a semiótica, a semiologia e a semântica) que poderiam fazer coro em sua tarefa diante da vontade de conseguir resultados a respeito do modo como o sentido se constituía. Se a semântica esteve ora inacessível, por exemplo, em momentos de tensão política em países socialistas (basicamente na primeira metade do século 20), passou-se, então, posteriormente, na outra metade do mesmo século, a ter grande apreço por ela.

Feita essa breve incursão pelas regiões teóricas acima apresentadas (que serviram a Pêcheux como meio para montar sua concepção de AD), passamos agora a ponderar outro lugar teórico visitado pelo autor, que funcionou como ponto de partida para que, enfim, ele conseguisse estabelecer fundamentos em nome de uma teoria do discurso.

Nossa hipótese em querer aqui mostrar os princípios fundamentais do programa pecheutiano sobre o sentido está no *Materialismo histórico* de Marx. Reconhecemos que há muitos elementos em Pêcheux merecedores de destaque; no entanto, escolhemos o materialismo marxista-pecheutiano para nosso estudo, uma vez que cremos conseguir dele pontos de contato com que engrossaremos nossas discussões as quais contemplam, também, concepções caras a nós — a noção de ideologia na constituição do sujeito, por exemplo.

Iniciamos, assim sendo, com o *Materialismo histórico*.

1. Marxismo e semântica

Historiadores são unânimes em afirmar que a década de 60 do século passado passou por grandes momentos de inquietação no campo das idéias, certamente, em função de acontecimentos de ordem político-ideológicos e sociais.

No leste europeu, a sociedade socialista implantada na antiga URSS, desde a ascensão de Stalin, fora foco de investigações de intelectuais – decerto porque lá o acesso à verdade das coisas era, além de controlado pelo Estado, também coisa de alcance de poucos, não deixando, com isso, de provocar interrogações nesses estudiosos e filósofos de até então (sem falar no modelo capitalista que há muito movia o restante do mundo, mantendo toda uma sociedade acorrentada, dependente do que “seus donos” imputavam-lhes).

Indagações relativas a essas sociedades eram variadas, tanto que surgem pesquisadores ditos marxistas interessados em compreender a natureza, o funcionamento delas. Esses seguidores do marxismo, sentindo-se inquietos pelas questões da época, sobretudo pelas então reconhecidas “regiões teóricas” impedidas de acesso em épocas anteriores de stalinismo medonho, despertaram-se para a semântica, certos de que seria objeto de investigações no plano do sentido.

De posse da semântica (1960), Adam Schaff, filósofo marxista polonês, foi quem, primeiramente, empreendeu uma reconciliação dessa ciência com o marxismo. Estava aí se configurando novo terreno de investidas teóricas, já que o olhar agora se fazia em direção à significação das palavras, palavras essas que “carregavam”, *a priori*, sentidos.

Mesmo antes, ao ser reconhecida como parte da linguística e da lógica, o agir desse tipo com a semântica punha linguistas à dúvida em reconhecê-la em tal lugar. Não seria a hora, então, em se tratando da reconciliação entre a semântica e o marxismo, de questionar o *oportunismo filosófico* (aqui, nas palavras de Pêcheux, PI, p. 17) das aplicações semântica ao marxismo? Continua Pêcheux (idem): “é preciso julgar sobre fatos...”.

No suscitar dessas questões, Pêcheux, aos poucos, utilizou-se delas para problematizar e construir seu projeto, a teoria do discurso. Incluir a semântica na linguística não era algo fortuito, havia interesses nisso. Dois prolongamentos aí estavam implicados: a lógica (teoria das matemáticas, o pré-construído, a gramática) e a retórica (técnica da argumentação, uma espécie de particularização das formas de dizer), ambas unidas formando a semântica.

Inquieto com esses prolongamentos, Pêcheux passa a mostrar os limites dessas duas referências epistemológicas convocadas à semântica. A lógica, ou teoria do conhecimento (por querer preservar a verdade) e a retórica (por tomar o sujeito como origem do sentido) falhavam. Cabe dizer, nesse momento, que as críticas pecheutianas impelidas à lógica, por exemplo, se fizeram por razões simples, contudo pensadas sobre o viés da própria historicidade; historicidade que não se vincula a partir de todos os princípios lógicos. A lógica (como fora projetada) anularia a possibilidade da ideologia existir, barrando o sujeito, a produtividade, o sentido.

Reiterando o apego do marxismo à semântica, segundo Adam Schaff, temos que concordar que a intenção daquele sobre esta estava no fato de que a semântica, além de favorecer a pesquisa linguística, prestaria serviços à lógica; o estudo da sintaxe lógica e da metalinguagem ajudaria, desse modo, a construir máquinas de traduzir (cf., PI, p. 16). Ter do lado a semântica, ou melhor, “ter certeza e controle dos sentidos” seria útil a essas questões, principalmente em países, no caso socialistas, que observavam de perto a chamada teoria científica da propaganda.

A introdução da semântica (e todas as suas extensões singulares: a lógica e a retórica) no âmbito da linguística tem lá suas respostas, segundo Adam Schaff, no interior do próprio marxismo, nitidamente no texto *A ideologia alemã*. Desta, Schaff extrai a noção de “função comunicativa da linguagem”, uma linguagem que conforme ele (apud Pêcheux, PI, p. 19) está para “um sistema de signos verbais que serve para formular pensamentos no processo de reflexão da realidade objetiva pela cognição subjetiva e para comunicar socialmente esses pensamentos sobre a realidade (...)”.

Assim sendo, como julgava Schaff, as palavras comunicam um sentido, além de serem resultado de impressões objetivas ou subjetivas de quem as produz. Pêcheux até explica que “há coisas, há objetos e há ciências humanas” (PI, p. 19) no jogo da língua (gem), existindo, da leitura que Schaff empreende de Marx, suspeitas do que fazemos

da linguagem. O que podemos dizer aqui é que a matéria reina sobre a consciência, donde também deduzimos que já não são nunca mais as mesmas...

Analisemos mais de perto esse assunto.

2. A Linguística enquanto campo de conhecimento e suas contradições: o surgimento da AD

No quadro epistemológico do projeto de Pêcheux sobre uma teoria do discurso, a Linguística, após acomodar a semântica no seu interior, certamente parece (com todas as contradições que se instalam ali), responder às preocupações pecheutianas viabilizando seus estudos sobre o sentido. Vejamos como isso se procede.

É fato, segundo o próprio Pêcheux, que o ponto nodal das contradições adentro a própria lingüística é a semântica. Isso se faz perceber na forma de tendências que “manifestam e encobrem (tentam enterrar) essas contradições” (PI, p. 20) – tendências que ora se opõem, ora se subordinam, sem que estejam radicalmente opostas como a primeira vista se supõe. Disso vemos ressurgir — aqui o filosófico sendo convocado às questões da lingüística e vice-versa — a proposta marxista de um materialismo histórico, em que o material, no caso a semântica (esta como ponto nodal de contrações), não deixa de produzir efeitos.

Resumidamente, essas três tendências se configuram perante as seguintes posições teóricas:

1. A tendência formalista-logicista: filiada, hoje, à escola de Chomsky, volta-se para questões de cunho estruturalista; parece ser a de maior número de adeptos.
2. A tendência histórica: datada do século 19, volta-se, hoje, para teorias cujo caráter alcançado abrange espaços como variação e mudança lingüísticas.
3. A tendência da lingüística da fala: voltada para questões não mais de primazia do lingüístico; o texto, o discurso são elementos alvo de que se ocupa.

Assim sendo, em relação a essas três tendências, fica para nós que (2) e (3) expostas acima (às vezes, por empréstimos ou devolução) são decorrentes de (1). Ainda, sobre (2) e (3), podemos afirmar que estão ligadas por laços contraditórios e que (2) liga-se contraditoriamente a (1) e (3). Dessa forma, a língua enquanto sistema, tendência (1), liga-se, por dissidências, a seus sujeitos falantes que não deixam de ser, pois, relevantes a (3) (cf., PI, p. 22).

Pêcheux, olhando para essas posições e configurações que cada uma das três tendências acima deixava transparecer em suas elaborações teóricas ditas “explicáveis”, parte ao encontro de elementos, proposições que fossem capazes de intervir, ao mesmo tempo, no interior de tais tendências, dizendo daquilo que ora foi afastado, estando, pois, sob abrigo do sistema lingüístico – sistema que, conquanto limitado a si mesmo, não deixava de produzir efeitos, reclamando, assim, uma exterioridade que à maneira pecheutiana é *constitutiva*. A situação, segundo o próprio Pêcheux, não estava para uma quarta tendência a ser construída com o intuito de resolver as contradições, mas “contribuir para o desenvolvimento dessa contradição” (PI, p. 22).

Também não estava Pêcheux a propor um projeto de todo ambicioso que deixasse de lado as premissas já postas como a saussureana de língua enquanto sistema de signos. Era a partir da consideração de língua como sistema que se encontrava contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à história e aos sujeitos falantes, que ele ousava anunciar um raciocínio outro para o tratamento dos fatos lingüísticos (cf. TEIXEIRA, 2005, p. 38). A proposta pecheutiana propunha-se resolver a relação língua/ exterioridade para além do par dicotômico língua/fala definido em Saussure, “fazendo trabalhar

no próprio objeto língua aquilo que a linguística considerava como não-pertinente para a análise” (idem). Começavam aparecer, desde então, os primeiros ideais de uma teoria do discurso, ou melhor, a (re)nascer nos estudos de linguagem, além da língua (que passa agora a ser contemplada pela sua materialidade), o sujeito e a história, os três em conjunto, engendrando sentidos. Assim, acrescenta Pêcheux, PI, (1997, p. 24) que

uma referência à História, a propósito das questões de Lingüística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se pode chamar as “práticas lingüísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada (...).

Podemos dizer, com efeito, que o intento do autor não deixa escapar a língua, por ora enxergada na sua materialidade, do lugar que assume nos estudos discursivos; é por ela que Pêcheux consegue entrever os espaços da história e do sujeito, num constante exercício de linguagem da constituição dos sentidos. História aqui não está para uma cronologia, mas para uma historicidade, que é causa direta das condições de produção de uma discursividade.

Para explicar como o sentido se produz, ou melhor, os efeitos do sentido no discurso, o projeto de Pêcheux buscou abrigo na cientificidade do materialismo histórico de Marx, revisitando conceitos marxistas (a luta de classes, por exemplo); o que não deixou de dar credibilidade ao próprio materialismo.

Passemos, portanto, a essa demanda.

3. O materialismo histórico em AD

Segundo consta em diversas literaturas especializadas, a tese do materialismo histórico elaborada por Marx é fruto de fatos da ordem da vida social que passaram a interpelá-lo. O método materialista previa que as relações materiais que os homens estabeleciam entre si e o modo como produziam seus meios de vida formavam juntos a base de todas as relações humanas (cf. QUINTANEIRO, BARBOSA & OLIVEIRA, 1995, p. 67); sendo, pois, possível supor que há nisso uma vida já determinada por fatores de ordem não só desse tipo, mas por outras determinações.

A região do materialismo histórico em Marx por que Pêcheux se interessou em seus estudos discursivos foi justamente a da superestrutura ideológica. Nas teorizações marxistas, essa superestrutura define-se como sendo tudo aquilo que foi gerado na produção da vida social, a exemplo, o conhecimento, a ideologia. Esta, estando vinculada à história, produz efeitos de sentido, adquirindo materialidade no discurso.

Certamente, concepção assim vem ao encontro das ideias defendidas pelo autor de que a semântica não pode ser desvinculada de uma teoria das condições sócio-históricas nas quais sentidos se formam. Justamente nisso é que podemos conferir o ranger do trabalho pecheutiano, já que passa a admitir uma exterioridade (então rechaçada pela corrente formalista-logicista), que vem unir-se à língua, permitindo entender melhor como as palavras (re)fazem sentido(s). Em termos empíricos, há uma língua com pluralidade de facetas (língua[gem] da burguesia, do proletariado, etc.) fazendo-nos (re)pensá-la e tomá-la diferentemente enquanto objeto linguístico de estudo.

Em relação a essa exterioridade materialista que não permite ser riscada das pesquisas sobre língua(gem), tomemos, por exemplo, em *Semântica e discurso* (PI), o instante em que Pêcheux nos põe a explicar acerca daquilo que a linguística mais insistia, a unidade da língua. (PI, p. 26-27). Nesse momento, o texto nos recorda as extensões da semântica, da lógica e da retórica. O cuidado do autor em nos alertar quanto à questão de a língua não se limitar às resoluções lógicas direciona nossa atenção para uma nova conjuntura: a própria luta de classes.

Sabemos que a própria constituição da natureza do sistema capitalista, consoante Marx, se funda numa contradição de classes. Nisso tem razão Pêcheux empenhar-se por compreender primeiro que a questão da divisão discursiva por detrás da unidade da língua é, de fato, permeada por uma comunicação/ não-comunicação. No capitalismo, a organização do trabalho obriga que se tenha uma comunicação sem erros, buscando-se uma clareza, uma “lógica”, uma “eficácia” na comunicação das instruções entre trabalhadores. Ação assim não deixava de revelar a verdadeira realidade: uma unidade contraditória da comunicação/ não-comunicação furtando-nos à vista dos fatos: há relações sociais (de um lado proletariado, de outro patrão), políticas e ideológicas que não chegam a se constituir.

Sendo tocado por um contexto assim (as condições políticas por meio das quais o materialismo marxista se impõe), Pêcheux transpõe isso para o âmbito de uma análise do discurso. As materialidades nos fazem crer que os homens produzem suas representações decididas a partir de toda uma ordem da vida social. Se a história é geradora de produtos tais como concepções religiosas, conhecimentos científicos, políticas, ideologias, etc., haveremos de aceitar que esses produtos não deixam, por sua vez, ao produzir sentidos, de exercer força nela mesma.

Desse modo, temos que os sentidos não têm causa em si mesmos, ainda que tentem figurar numa transparência em que a materialidade significativa finge corroborar. Pelo contrário, existem posições ideológicas assumidas pelo sujeito falante, convocadas a partir de uma historicidade ali no fio do discurso (e não trazida de fora), em um constante mecanismo no qual palavras são (re)produzidas.

Ainda no que se refere a esse interesse pecheutiano em inscrever suas elucubrações no materialismo histórico, verificamos, também, que atitude assim foi o que permitiu o autor retirar da situação a noção de ideologia na constituição do sujeito. Antes, porém, ele retoma Althusser em teorias deste sobre o sujeito interpelado pela ideologia, para, enfim, precisar uma teoria semântica que desse conta de desfazer-se das evidências do sentido afirmadas em teses althusserianas.

Assim, o lugar do materialismo nas elaborações de Pêcheux aponta para uma necessidade que ele via em mostrar que há uma materialidade linguístico-discursiva engendrando sentidos.

4. À guisa de alguns encaminhamentos...

Pelo que expusemos até aqui, fica patente que a teoria do discurso de Pêcheux é resultado de uma interlocução construída por ele mesmo a partir do materialismo histórico. É deste que ele enunciou grande parte do que formulou acerca da língua (esta posta numa relação de contradição com a história e com o sujeito, ou melhor, com o sujeito de ideologias) e, por conseguinte, acerca dos sentidos – sentidos esses que estão sendo sempre (re)construídos por nós sujeitos.

O materialismo histórico, à sua maneira, serviu a Pêcheux como meio para nos convocar até o discurso. Com o amadurecimento de suas pesquisas dialogando nesse campo teórico, a língua (até então criteriosamente recortada em Saussure como objeto teórico dos estudos de linguagem) passa da sua autonomia “fechada” ao seu funcionamento – o discurso passa a ser o lugar em que história e ideologia trabalham.

Em decorrência do desejo de querer enxergar uma materialidade específica (a língua) articulada a uma materialidade econômica (pelo viés do materialismo histórico), o programa pecheutiano conseguiu, a princípio, pôr funcionando sua proposta de AD.

É nesse sentido que o trabalho de Pêcheux, inscrito numa perspectiva do materialismo histórico, acolhendo a exterioridade e integrando-a ao objeto da linguística, ocasionou oportunidades de teorizar sobre uma semântica do discurso. Ciente de que as formações sócio-históricas denunciam vestígios na linguagem, à semântica, segundo

o autor, não resta senão colhê-los, explorando, assim, os efeitos de sentido expressos (cf. TEIXEIRA, p. 40).

Enfim, resta-nos dizer que o recorte materialista (com toda uma carnavalização do método marxista, se nos for autorizada qualificação assim) com que Pêcheux trabalhou fez produzir em nós novas impressões emanadas de seu objeto de estudo, o discurso. Tudo tem lá seus limites, e certamente o próprio *corpus* pecheutiano, dada a conjuntura a partir da qual ele se configurou – o que, sem dúvidas, não deixa de nos dar pistas sobre o funcionamento da língua e sobre suas especificidades.

Referências bibliográficas

CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. *Teoria semiótica: a questão do sentido*, in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina. (org.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005, vol. 3.

PÊCHEUX, Michel. Simples nota prévia, in: *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 11-33.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de O.; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.